

Repensando o sujeito: Lacan e a gênese do sujeito do inconsciente

Uriel Nascimento

Mestrando PUC-RIO

Resumo: O trabalho tem por foco a gênese do sujeito em Lacan, mais especificamente no período conhecido como “primeiro Lacan”. Nesse sentido, debruçamo-nos sobre o texto que versa sobre o estágio de espelho e sobre textos de épocas próximas a fim de demonstrar que existe, no pensamento de Lacan, uma alienação que não se deixa reduzir à dinâmica social de alienação. A alienação aparecerá, então, como fundamento de toda subjetividade.

Palavras-chave: Lacan, Sujeito, Inconsciente, Psicanálise.

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.
Mario de Sá-Carneiro, *Poesia*, p.66

Introdução

A psicanálise lacaniana tem sido uma parceria de diálogo constante do pensamento filosófico contemporâneo, especialmente quando este necessita pensar questões relativas ao sujeito. Para além das paredes quase sempre hermeticamente fechadas da clínica, Lacan tem sido evocado em campos tão diversos quanto estética e crítica de arte (Hal Foster), ética e política (Slavoj

Zizek), teoria de gênero (Judith Butler) e, especialmente, a articulação entre desejo, ontologia e política (Alain Badiou, Butler, Zizek, a lista é numerosa). Se pensarmos que Lacan buscou reinventar, especialmente a partir da experiência psicanalítica (mas não só), aquilo que se compreendia à época por sujeito, temos uma possibilidade de compreensão do porquê da constante referência a sua obra pelos pensadores contemporâneos. Afinal, trata-se da possibilidade de repensar uma categoria tradicional à luz da radicalidade da descoberta freudiana do inconsciente.

Tendo isso em vista, o presente trabalho busca apresentar, sucintamente, a base do conceito de subjetividade para Lacan, especialmente tal e qual ela é exposta num corte preciso de sua obra, a saber, o que costuma-se chamar de “primeiro Lacan” ou “Lacan do imaginário”. Esse período foi eleito por ser central para a compreensão do contexto no qual o sujeito é posteriormente pensado, posto que é aquele momento no qual a gênese da subjetividade, tal e qual a compreendia a psicanálise de então, é reavaliada por Lacan a partir de seu contato com etologia, com as aulas de Kojève sobre Hegel e com a obra do médico e filósofo Henri Wallon. Será utilizado, para tanto, o texto, hoje famoso, *O estágio do espelho como formador da função do eu* de 1949, por acreditarmos que se encontra aí um nó de formulações centrais que jamais serão abandonadas por Lacan.

Antes da dialética social

Para quaisquer leitores familiarizados com o texto em questão, pode soar estranho que alguém o situe como o texto no qual a subjetividade comparece de maneira mais própria. Poderia parecer, nessa leitura, que o Eu a subjetividade estão imbricados, como se a subjetividade em Lacan fosse a mesma da psicologia do ego por ele tão criticada. Mais do que isso, a um conhecedor ainda mais “profundo” de Lacan poderia parecer que, pelo texto se situar no período do Imaginário e portanto ainda não existir a proximidade de

Lacan com o estruturalismo e a linguística, o conceito de sujeito ainda não teria aparecido de maneira plena, faltando a ele a dimensão simbólica e o significante. Por fim, a todos aqueles que conhecem os autores com os quais começo o presente texto soaria estranho situar um texto no qual Lacan situa uma experiência “anterior à dialética social”¹ como um texto fundamental à compreensão de sujeito. Afinal, se há algo que os autores² compartilham é uma preocupação com a alienação inerente ao processo de socialização e esse texto trata de uma alienação exatamente anterior a ele, tratando a alienação na imagem como necessária ao processo de subjetivação e como compensação à insuficiência biológica.

Em resposta a esses leitores imaginados diria que é impossível pensar o conceito de sujeito lacaniano sem pensar a condição de *alienação fundamental* que Lacan coloca para esses mesmos sujeitos. Por mais que seu conceito tenda a despersonalização – e daí a sua crítica à ênfase na instância do Eu³ -, nunca se tratará ali de uma despersonalização completa e total, mas sempre de uma despersonalização que ainda mantém certa unidade tensa, mesmo depois do processo analítico. A dinâmica de desejo do desejo do Outro⁴ nunca é totalmente rompida precisamente porque o próprio Eu é já, em sua gênese, um outro e portanto recebe da alteridade tudo o que lhe convém, mesmo a noção de coesão da imagem do corpo. Mais do que o Eu, o próprio inconsciente, posteriormente compreendido como estrutura como uma linguagem, não poderá ser compreendido sem a presença constante de um outro que atribui

¹ LACAN, J. The Mirror Stage as Formative of the I Function. In: LACAN, J. *Écrits: the first complete translation in english*. New York: Norton & Company, 2006. P. 77.

² Para Žižek, ver tanto seu *Less than nothing* quanto seu *Parallax View*. Para Badiou, *Theory of the subject/ou Being and Event*. Para Butler, *Precarious Life*.

³ O Eu em psicanálise é, na maior parte das vezes, coincidente consigo mesmo. A porção inconsciente do Eu teorizada por Freud foi sumamente ignorada pelos psicanalistas que seguiram Anna Freud e sua psicologia do Ego.

⁴ Uma das mais famosas formulações de Lacan “todo desejo é desejo do Outro” opera num triplo sentido. Primeiro, tomando o “Outro” como sujeito da frase, todo desejo é desejo do Outro no sentido de um Outro radical que deseja através de nós, por sermos formados por desejos que não se realizaram; segundo, tomando o Outro como objeto, todo desejo é desejo do Outro porque o Outro é por nós desejado, ou seja, queremos o desejo dele por nós; ainda num terceiro sentido, todo desejo é desejo do Outro porque desejamos o desejo de uma ordem simbólica, ou seja, desejamos corresponder às expectativas em nós depositadas. Lacan joga quase sempre com os três sentidos nessa frase.

sentido a uma realidade e nos ensina a desejar. Nesse sentido, o sujeito lacaniano se direcionaria não tanto à uma autonomia no sentido kantiano (ou sartreano), mas à escolha de quais heteronomias mobilizariam seu desejo, precisamente porque a alienação é aquilo que o constitui de maneira mais fundamental.

Nesse sentido, não podemos nunca compreender o sujeito lacaniano sem compreender antes que ele surge, necessariamente, depois de um processo de alienação que é *anterior* ao processo de socialização, posto que se dá por compensação à maturação biológica. Dito de outro modo, diferente dos animais que já nascem com certa coordenação corporal e certo sentido de unidade do corpo, a cria humana nasce desorientada e percebe seu corpo como desordenado ou, como Lacan o denominará, despedaçado. O estágio do espelho é exatamente o momento no qual a criança, ainda experimentando seu corpo como um corpo despedaçado e sentindo a angústia inerente a esse estado assumirá, a partir de uma imagem, a existência de uma unidade corporal⁵. Tal imagem poderá ser a de outro membro da espécie humana ou a própria imagem refletida no espelho (daí o nome estágio de espelho). Tudo o que é necessário é que a criança perceba a imagem de uma alteridade e com ela se identifique.

O que se introduz aqui é propriamente um conflito entre a percepção e a *experiência* corporais, conflito esse que se resolve na *alienação na imagem* que a criança sofre. Tal alienação na imagem advém de um processo de identificação, o que significa que é o momento no qual “ao assumir uma imagem, uma transformação no sujeito ocorre”⁶, ou seja, é aquele momento no qual a imagem tem um poder de alteração da configuração psíquica existente até ali. Tal alteração psíquica se revela como sendo o período de surgimento do *eu ideal*, instância que será o fundamento para o surgimento da instância Eu (ego). No momento tratado por nós aqui, a identificação transforma a

⁵ Op.cit. p.76.

⁶ Id, *ibid.*

experiência de despedaçamento do corpo em experiência de unidade, i.e. a identificação faz com que a percepção da criança de uma totalidade negue⁷ a experiência de despedaçamento por ela vivida. Dessa negação surge um corpo coeso que consegue se orientar num sentido em detrimento do desarranjo que outrora existia. Se se ganha no plano da coesão e da existência como um todo, o preço a se pagar é a *alienação permanente* a uma imagem que não corresponde exatamente à experiência vivida, posto ser uma imagem de alteridade⁸.

A consequência disso é sentida em múltiplos níveis. Uma vez que se identifica e aliena numa imagem que é precisamente a negação da sua experiência corporal, o sujeito estará fadado a, necessariamente, ter sua definição advinda da alteridade. Não à toa, Lacan pensa essa identificação da criança como uma “armadura enfim assumida de uma identidade alienante que vai marcar com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental”⁹. Tal e qual uma armadura, o que a identificação primordial traz ao dar origem ao eu ideal é tanto uma proteção contra a angústia da experiência do despedaçamento¹⁰, quanto um certo aprisionamento nessa imagem que é, no entanto, uma imagem advinda do exterior. Curiosamente, essa imagem não é forçada sobre a criança, mas “apreendida, por ela, em júbilo”¹¹. Há que se pensar, ao falar nesse júbilo, que falamos aqui de uma escolha entre a alienação ou a angústia permanente e, nesse sentido, não ter mais despertado

⁷ No sentido hegeliano do termo.

⁸ A importância da alteridade no surgimento do humano é algo que Lacan não cessou de explicitar. A título de exemplo, em texto anterior a esse a um ano, Lacan diz que “o primeiro efeito que aparece da imago no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e mesmo se experimenta de início” Cf. LACAN, J. Presentation on psychical causality. In: LACAN, J. *Écrits: the first complete translation in english*. New York: Norton & Company, 2006.

⁹ Op.cit. p.78.

¹⁰ O que significa dizer, grosso modo, proteção contra a impotência e o desamparo, ambas experiências vividas com frequência pelo bebê e reatualizada nos traumas vividos ao longo da vida. O que as duas experiências guardam em comum é serem experiências ligadas ao afeto da angústia, afeto esse ligado à “ausência de mundo”, para usarmos uma formulação heideggeriana da qual Lacan se vale para pensar o seu conceito de angústia.

¹¹ Op.cit. p.76

em si o afeto da angústia ao encontrar certa coesão corporal não poderia ter outro resultado além da alegria.

É importante delinear aqui que não se trata, de maneira nenhuma, de pensar no ideal do eu e no Eu que daí advém como uma instância “falsa” contraposta a uma instância “verdadeira” enraizada no inconsciente, como se a alienação fundamental fosse um processo temporário do qual poderíamos emergir não alienados depois de passarmos, por exemplo, por uma experiência analítica. Longe disso, a alienação na imagem é constitutiva do sujeito e é algo inelutável porque processo propulsor de sua maturação. Como falamos em *maturação*, em *sujeito*, e em *maturação do sujeito*, é nesse ponto que se entrelaçam as três influências por nós citada ao começo do texto, quais sejam: Wallon, a etologia e as aulas de Kojève sobre a dialética do senhor-escravo na *Fenomenologia* de Hegel. O eixo nodal dessa junção é a noção de *surgimento ou desenvolvimento*, e os três saberes tratam disso em níveis distintos: a etologia, em nível biológico; Wallon, modificado (como veremos) em nível psicológico; e Kojève em nível filosófico. Isso indica que Lacan compartilha com Freud a necessidade de ancorar sua teoria do sujeito em dados biológicos materiais (etologia), em uma corrente filosófica (Kojève) e em observações do desenvolvimento humano (Wallon). Como cada saber aqui citado comparece no texto lacaniano de maneira a fornecer explicações a um determinado aspecto no qual o estágio de espelho influi, como veremos a seguir.

O espelho entre Wallon, Kojève e etologia

Como esperado de um pensador que tem uma tese difícil em mãos, Lacan recorre estudos bem específicos para ancorar sua tese. No caso de sua incursão pela etologia, coisa que já fazia desde sua tese de 1937, tratam-se de estudos acerca da imagem enquanto fator capaz de intervir em processos biológicos complexos como os de maturação de uma gônada da pomba ou o de alteração morfológica, como no caso do desenvolvimento da larva do

gafanhoto. Explicando melhor, no primeiro caso (o da pomba) é observado que a gônada da pomba só vem a maturar caso esta venha a observar uma imagem de outro pombo, podendo ser essa imagem correspondente a um outro indivíduo da mesma espécie ou à própria imagem da pomba refletida num espelho. A imagem opera, assim, como um fator necessário à maturação de um órgão, ou seja, interfere no modo como uma glândula se desenvolve dentro do esquema geral do organismo da pomba. Já no segundo caso, o do gafanhoto, o que os estudos por Lacan citados evidenciam é o que a larva do gafanhoto terá seu desenvolvimento em gafanhoto solitário ou gregário na medida em que encontrar ou não um representante da espécie. Também nesse caso, a presença de uma imagem viva de um congênere é necessária para que a larva de gafanhoto se desenvolva em gafanhoto gregário. A não presença, como suposto, o faz se desenvolver em gafanhoto solitário o que indica que a imagem é fundamental no desenvolvimento do gafanhoto.

A partir desses estudos, o silogismo implícito no texto lacaniano é um tanto quanto simples: se animais que já nascem com certo grau de maturação dependem de certo contato com a imagem da alteridade para se desenvolver completamente, o homem, que tem uma parte grandiosa de seu desenvolvimento realizado após seu nascimento¹², deve ter uma dependência ainda maior da imagem o que, por conseguinte, faz com que a imagem tenha um impacto ainda maior em seu desenvolvimento. Dito de outro modo, se nos animais, que possuem menos *gap* fisiológico entre sua fase de nascimento e seu estágio adulto a imagem pode ter tamanha centralidade, num humano que possui um *gap* fisiológico maior a imagem deve, por conseguinte, ser ainda mais central. O que se vê aqui é que Lacan utiliza a etologia para *situar a imagem como capaz de influenciar a maturação biológica dos animais*, decorrendo daí que se a imagem influencia certos animais até mesmo morfológicamente¹³, será capaz também de influenciar o humano posto ser ele,

¹² Ou seja, tem um déficit fisiológico quando nasce.

¹³ I.e. desenvolvimento do gafanhoto entre solitário ou gregário.

também, um animal. Como um argumento lógico nem sempre consegue explicar a existência real e material dos indivíduos, Lacan se utilizará de Wallon (embora sem citá-lo) para ancorar a tese da capacidade formativa da imagem também na vida humana.

Apesar de adotar uma perspectiva finalista, segundo a qual a criança se encaminharia para a objetividade necessariamente, Wallon em seu “*Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio*”, de 1931, problematiza, como o título do trabalho indica, a aquisição pela criança da noção de corpo próprio a partir da imagem refletida no espelho. Conforme Merleau-Ponty aponta bem, a imagem que criança constrói ao olhar no espelho, para Wallon, “é interdependente daquela que constrói do espaço. Já o adulto nega essa dupla construção. No adulto, a especialidade envolve uma série de relações. Na criança, o espaço é algo que adere à imagem”¹⁴. Para a transição ocorrer (de criança a adulto) será caso, então, de maturação cognitiva, ou seja, a diferença entre uma criança e um adulto em relação a imagem refletida no espelho é o processo de maturação que ainda não ocorreu¹⁵. O ponto de vista adotado como central é claramente o do adulto, como Merleau-Ponty também salienta¹⁶, daí termos dito ser uma compreensão finalista: tem a finalidade no adulto como forma final e bem desenvolvida, ou seja, como *telos*.

Lacan, ao contrário, se interessará pelo que ocorre com a criança em termos de identificação e estruturação psíquica. Trata-se, para Lacan, de pensar o que a imagem é capaz de antecipar e gerar na formação da criança. Trata-se de pensar, portanto, o processo que descrevemos acima como identificação. Ao modificar a centralidade do estudo e retirar o adulto como *telos* do processo, Lacan precisará dar conta de explicar como uma posição subjetiva entra em jogo nesse processo de identificação com a imagem. O conceito de identificação funciona como operador apenas na medida em que temos a

¹⁴ PONTY, M.M. *Child Psychology and Pedagogy*. Northwestern University Press: Evanston, 2010. p.425.

¹⁵ Ibid. Idem.

¹⁶ Idem p.424.

experiência psicanalítica do adulto como molde, i.e. funciona como um axioma e, como tal, é capaz de explicar mas não é passível de elucidação. É necessário pensar numa relação subjetiva que seja ainda anterior ao processo de identificação para que a identificação enquanto processo acabado seja possível. Dito de outro modo, é preciso elucidar como se dá esse processo de identificação, posto que só existem apontamentos nos textos freudianos, mas não uma descrição do processo. O que dizemos, então, é aqui que entrarão as aulas de Kojève sobre a dialética do senhor e do escravo na *Fenomenologia* de Hegel as quais Lacan assistia.

Dizemos que a leitura de Lacan da dialética do senhor-escravo descreve uma “relação anterior” à identificação porque, de modo geral, quando Freud fala desse processo, já o faz contando com uma noção do termo que havia explicado mal anteriormente¹⁷. Sendo assim, o que Lacan busca fazer é elucidar, a partir da filosofia hegeliana lida por Kojève o que significa, dentro da relação humana, identificar-se, bem como elucidar quais afetos emergem daí. Uma vez que a matriz é a luta por reconhecimento presente no quarto Capítulo da *Fenomenologia* de Hegel, Lacan tenderá a ligar a identificação com a agressividade, como fica claro na quarta tese de *Agressividade em Psicanálise*: “Agressividade é a tendência correlacionada com o modo de identificação que chamo narcísico, que determina tanto a estrutural formal do Eu do homem quanto a do registro de entidades características de seu mundo”¹⁸. Claro está, aqui, que a agressividade advém precisamente da identificação inicial efetuada no estágio de espelho, posto que este é o que determina a “estrutura formal do Eu do homem”¹⁹. Fica pouco claro, entretanto, qual o papel da dialética do senhor-escravo.

¹⁷ Daí que o narcisismo, que depende profundamente da teoria freudiana de identificação, seja duramente criticado por Lacan em sua tese de doutorado.

¹⁸ LACAN, J. Aggressiveness in Psychoanalysis. In: In: LACAN, J. *Écrits: the first complete translation in english*. New York: Norton & Company, 2006. p.89, grifo nosso.

¹⁹ Lembremos que o Eu ideal é a base do Eu, portanto, aquilo que determina sua estrutura formal.

Se lembrarmos bem do que se trata nessa dialética, veremos que se trata de uma luta de *reconhecimento* travada entre duas consciências-de-si (*Selbstbewusstsein*)²⁰, luta essa que se desenrola porque ambas possuem um desejo de reconhecimento pela outra. Uma vez que as duas consciências possuem a mesma estrutura e uma vez que Hegel adota o postulado de que o objeto reduplica a estrutura do Eu, ter outra consciência por objeto é ter uma estrutura similar à sua por objeto, objeto esse que não mais é natural, mas está para além do natural, posto que possui tanto liberdade quanto desejo. Como ambas as consciências são livres e ambas desejam da outra o reconhecimento da própria independência i.e., desejam que a outra se submeta tal e qual um objeto, elas entram numa luta de morte. Dessa luta de morte resultará uma consciência que capitulará ante à angústia advinda da proximidade da morte e uma que arriscará tudo, mesmo a vida, em prol do reconhecimento de sua independência. A primeira será o escravo e a segunda será o senhor. Nessa estrutura, tanto o escravo como o senhor são reconhecidos, tanto por si mesmos quanto por um outro, mas com uma dissimetria: ao passo que o senhor só é senhor *para* um escravo, o escravo só é escravo *de* um senhor. O reconhecimento do senhor pelo escravo coloca o senhor na posição de seu possuidor e de *homem livre*, ao passo que o reconhecimento do escravo pelo senhor coloca o escravo numa posição de *coisa*. O que ocorre, no caso do escravo que perde sua liberdade, é uma *alienação*, ou seja, o escravo tem sua essência colocada fora de si ao passo que o senhor, num certo ângulo, mantém sua essência, ao passo que noutro, não²¹.

Transpondo isso para a dialética especular lacaniana, um tipo similar de alienação advinda do reconhecimento ocorre com o infante. O infante recebe sua imagem coesa de fora que pode ser tanto ele mesmo refletido num

²⁰ Tendo em vista a terminologia hegeliana e tendo ciência da diferença estabelecida entre consciência e consciência-de-si, pontuamos que, a menos que dito o contrário, consciência aqui significará sempre consciência-de-si.

²¹ Uma vez que o escravo trabalhará as coisas do mundo e o senhor dependerá do escravo para basicamente tudo que envolva trabalho, Hegel dirá que o escravo é que é senhor do senhor, não o contrário.

espelho quanto um adulto. Como dissemos, essa imagem coesa será contrária à experiência do próprio corpo, ou seja, o infante recebe sua totalidade organizada não a partir de uma forma autônoma e imanente ao seu desenvolvimento, mas de uma forma heterônoma e, apesar de ser a imagem algo que o transcende, é com ela que ele se identifica. Ao passo que Hegel faz com que os sujeitos se posicionem e identifiquem uns aos outros a partir da posição estrutural na relação (escravo/senhor), Lacan faz com que a solução seja uma *identificação narcísica* com o outro, o que gerará a ambivalência intrínseca à toda relação de identificação, posto que a agressividade se mantém.

Referências

LACAN, J. Aggressiveness in Psychoanalysis. In: LACAN, J. *Écrits: the first complete translation in English*. New York: Norton & Company, 2006.

_____. The Mirror Stage as Formative of the *I* Function. In: LACAN, J. *Écrits: the first complete translation in english*. New York: Norton & Company, 2006.

. LACAN, J. Presentation on psychical causality. In: LACAN, J. *Écrits: the first complete translation in english*. New York: Norton & Company, 2006.

PONTY, M.M. *Child Psychology and Pedagogy*. Northwestern University Press: Evanston, 2010.